

**AUTOR**

**Paulo Henrique  
Soares de  
Almeida\***

Pauloalmmeida@  
gmail.com

\* Jornalista. Mestre  
em Comunicação pela  
Universidade de Brasília  
(UnB, Brasil)

# Brasil e o olhar estrangeiro na Copa do Mundo: Análise das narrativas do *El País*

Brasil y la mirada extranjera del Mundial: El análisis de las narrativas de *El País*

*Brazil and the foreign look at the World Cup: Analysis of the El País narratives*

## RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise sobre as representações da identidade brasileira construídas pelo jornal espanhol *El País* durante a Copa do Mundo de 2014. O objetivo é estudar o conceito de identidade nacional na comunicação contemporânea e descobrir a visão que a imprensa estrangeira tem do Brasil em tempos de globalização e mundialização da cultura. O estudo usa como referencial teórico a análise crítica da narrativa conforme proposta por Motta (2013), considerando o texto jornalístico como um gênero narrativo que constrói significados sobre a realidade do Brasil atual, examinando sua etapa de crescimento econômico e seus referenciais culturais a partir do olhar do outro, o estrangeiro.

## RESUMEN

Este trabajo consiste en un análisis de las representaciones de la identidad brasileña construida por el diario español *El País* durante la Copa Mundial de 2014. El objetivo es estudiar el concepto de identidad nacional en la comunicación contemporánea y descubrir la opinión que la prensa extranjera tiene de Brasil en tiempos de la globalización y mundialización de la cultura. El estudio utiliza como referente teórico un análisis crítico de la narrativa como propone Motta (2013), teniendo en cuenta el texto periodístico como un género narrativo que construye significados sobre la realidad del Brasil actual, examinando su etapa de crecimiento económico y sus referencias culturales a partir de la mirada del otro, el extranjero.

## ABSTRACT

This work consists of an analysis of the representations of Brazilian identity built by the Spanish newspaper *El País* during the World Cup 2014. The goal is to study the concept of national identity in contemporary communication and discover the view that the foreign media has of Brazil in times of globalization and globalization of culture. The study uses as a theoretical critical analysis of the narrative as proposed by Gonzaga Motta (2013), considering the journalistic text as a narrative genre that creates meaning on the reality of the current Brazil, examining its stage of economic growth and its cultural references from the gaze of the other, the foreign.

## 1. Introdução

Este artigo é uma parte da minha dissertação de mestrado, defendida em dezembro de 2014, na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB, Brasil). Orientado pela professora Célia Ladeira Motta, o estudo analisa as notícias publicadas sobre o Brasil no site do jornal espanhol *El País*, entre junho de 2013 e julho de 2014, época em que aconteceu a Copa das Confederações e a Copa do Mundo no Brasil. O objetivo foi estudar o conceito de identidade nacional na comunicação contemporânea e descobrir a visão sobre o Brasil no cenário internacional.

Sediar esses eventos foi uma responsabilidade não apenas social e política, mas também cultural para o anfitrião. Representou um importante momento quando jornais de vários países escreveram sobre o Brasil, orientaram os turistas e discutiram com frequência temas importantes, como investimentos, estruturas, segurança, serviços públicos, cultura, entre outros. Foi um período em que ressurgiu a discussão sobre a maneira de representar o país. Nas palavras de DaMatta (1986),

todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais. As festas promovem a descoberta do talento, da beleza, da classe social, do preconceito e da alegria (DaMatta, 1986: 84).

É, portanto, nas celebrações que tomamos consciência de coisas gratificantes e dolorosas, onde tudo aquilo que normalmente passa despercebido é ressaltado.

A escolha do recorte de análise também se justifica pelo fato de que, durante esse tempo, o Brasil foi palco de inúmeros protestos. As manifestações populares, iniciadas em junho de 2013 para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, tomou conta do país e alcançou uma variedade de temas, como os gastos do governo em grandes eventos esportivos, a má qualidade dos serviços públicos e a indignação com a corrupção política. Os protestos tiveram repercussões importantes dentro e fora do país. Muitos jornais chegaram a afirmar que elas mudaram a nossa identidade, já que o brasileiro, representado sempre por ser hospitaleiro e apaixonado pelo futebol, também passou a ser visto como alguém que descobriu seus direitos de cidadania e foi às ruas.

As manifestações sociais, que ganharam o nome de “Copa pra Quem?”, foram avaliadas pela imprensa nacional e estrangeira como as maiores desde o impeachment do presidente Fernando Collor, em 1992. Entre as causas, os ativistas afirmavam que o dinheiro gasto com a Copa do Mundo deveria ter sido direcionado a áreas mais importantes para o país, como educação, saúde e transporte público. Os pesquisadores Bolaño e Filho (2014) resumem a situação:

Os movimentos de junho de 2013 questionaram, em particular, os enormes gastos públicos em obras para os grandes eventos esportivos com os quais o Brasil se comprometeu e que deveriam servir à consolidação de uma imagem externa de país emergente dinâmico e inclusivo. Ora, o avanço da inclusão social do período Lula, ou mesmo as vitórias setoriais que o governo podia exibir, estavam longe de garantir a superação dos problemas graves do subdesenvolvimento. A compreensão da disparidade entre o investimento despendido para as obras relacionadas aos megaeventos e a ausência de investimentos em setores como a saúde, a educação, ou a mobilidade urbana acionou uma mobilização transversal relacionada a várias temáticas e gerações no país. (...) Assim, as respostas localizadas, em diferentes cidades, por parte do movimento social, especialmente o movimento estudantil, contra aumentos nas passagens de ônibus urbanos, acabaram por se tornar o estopim das enormes manifestações que ocorreram por todo o país em junho de 2013. Não se trata de uma explosão de pura espontaneidade, mas da primeira manifestação massiva da nova forma que assumem os movimentos sociais no Brasil do início do século XXI, momento significativo de uma transição que já tinha também a sua história (Bolaño e Filho, 2014).

### **PALAVRAS-CHAVE**

Identidade brasileira; narrativas; representações sociais

### **PALABRAS CLAVE**

Identidad brasileña; narrativas; representaciones sociales

### **KEYWORDS**

Brazilian identity; narratives; social representations

Recibido:

20.04.2016

Aceptado:

12.09.2016

Para analisar como o Brasil foi representado pelo outro, escolhemos estudar o olhar de um país europeu devido a importante relação da Europa com o Brasil, que vem desde sua descoberta, em 1.500, pelos portugueses. A representação brasileira pelos europeus é histórica e começa com a carta de Pero Vaz de Caminha, passando pelos colonizadores e viajantes curiosos sobre o Novo Mundo. Já o jornal *El País* foi escolhido como objeto de estudo devido a sua notoriedade, a importância da língua espanhola e também pelo fato de a Espanha ter conquistado a Copa do Mundo em 2010, sendo que a comparação com o Brasil e a motivação em acompanhar as notícias sobre o mundial eram inevitáveis aos jornalistas daquele país.

## 2. Cultura e identidade brasileira

Sobre os conceitos usados nesta pesquisa, adotamos a definição de cultura como prática de significação da realidade e da vida social, tal como discutida por Raymond Williams (2011). Para o autor, ela está ligada à noção de experiência, às práticas e atividades relacionais vividas em sociedade. Um dos fundadores dos estudos culturais, Williams explica que embora o termo tenha recebido ao longo dos anos diferentes definições (como a ideia de cultivo e conhecimento erudito) em nossa época, a cultura deve ser vista como uma convergência prática entre os sentidos antropológico e sociológico para indicar um modo de vida global de um determinado povo ou grupo social, mostrando que ela não se refere apenas a uma classe de elite, mas sim a toda sociedade. Isso leva a cultura a ser interpretada hoje como um sistema que inclui, não apenas as artes e as produções intelectuais, mas sim todas as práticas significativas de um povo, como a linguagem, a narrativa, o jornalismo, a moda, a publicidade, entre outros. Neste contexto, os Estudos Culturais concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social e da construção de identidade.

Martino (2010) pensa identidade como uma questão de comunicação, resultado da interação de mensagens entre pessoas e culturas:

Essa cultura permite-lhe construir uma identidade, isto é, montar uma mensagem dizendo 'este sou eu' para outras pessoas, e, ao mesmo tempo, ler as outras pessoas, decodificar as mensagens que elas enviam em termos de identidade. O conhecimento transformado em relações de comunicação parece ser o início e o fim do longo trabalho de construção da identidade. Daí que as relações de identidade estão ligadas ao estudo da Comunicação (Martino, 2010: 15).

Stuart Hall (2011), um dos fundadores do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, da Universidade de Birmingham, e um dos precursores dos estudos culturais, define identidade a partir de três concepções: *sujeito do iluminismo*, baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo centrado e unificado, onde “o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa”; *sujeito sociológico*, uma visão interativa entre o eu e a sociedade, onde a identidade do indivíduo é formada a partir da relação com “outras pessoas importantes para ele”, aqui cabem os valores, sentidos e símbolos, ou seja, o indivíduo constrói sua identidade baseada na cultura relacionada; e o *sujeito pós-moderno*, resultado de um processo de construção da identidade projetada na cultura. Desta forma, como nos dias de hoje, principalmente com a globalização, temos uma grande instabilidade ou variação da cultura, este processo reflete na formação da identidade.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel (Hall, 2011: 13).

De acordo com este processo, na concepção de Hall, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos:

A identidade plenamente unificada completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2011: 13).

Ao estudar identidade, Kathryn Woodward (2012) destaca também a questão da diferença. Para a autora, “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social” e está ligada a “inclusão e exclusão”. De acordo com Woodward, ao estudar o conceito, é preciso considerar alguns caminhos importantes, como compreender que ela está relacionada com a natureza, raça e bases materiais, sociais, políticos e econômicos de uma sociedade. Além disso, é preciso ter em mente que muitas vezes ela envolve reivindicações essencialistas, aquelas fixas e imutáveis, além das características não essencialistas, as que mudam com o tempo.

Sobre identidade nacional, Fiorin (2009) afirma que é uma criação moderna, começa no século XVIII e desenvolve plenamente no século XIX. É uma herança simbólica e material de uma nação:

Uma nação deve apresentar um conjunto de elementos simbólicos e materiais: uma história, que estabelece uma continuidade com os ancestrais mais antigos; uma série de heróis, modelos das virtudes nacionais; uma língua; monumentos culturais; um folclore; lugares importantes e uma paisagem típica; as representações oficiais, como hino, bandeira, escudo; identificações pitorescas, como costumes, especialidades culinárias, animais e árvores-símbolo (Fiorin, 2009: 117).

Mais que inventadas, Anderson (2008) define nação como uma comunidade política imaginada. É limitada - uma vez que apresenta fronteiras de extensão finitas e nenhuma delas imagina ter uma extensão da humanidade - e ao mesmo tempo soberana - já que ao sonhar em ser livre, o Estado Soberano se torna a garantia e o emblema dessa liberdade.

Imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (Anderson, 2008: 34).

Ecoando Woodward (2012), Fiorin (2009) destaca que dois grandes princípios regem as identidades: o da exclusão e o da participação. No entanto, ao

explicar a construção da identidade brasileira, o autor lembra que a independência foi proclamada por um príncipe português, que era herdeiro do trono de Portugal, não havendo de fato uma ruptura completa com o colonizador. “Na construção da identidade brasileira teria que ser levada em conta a herança portuguesa e, ao mesmo tempo, apresentar o brasileiro como alguém diferente do lusitano” (Fiorin, 2009: 117). Assim, a identidade brasileira foi constituída com base na cultura de participação ou mistura, pois apresenta um aspecto contínuo. De acordo com Ortiz, somente quando o negro é integrado às preocupações sociais, com o movimento abolicionista, é que “pela primeira vez pode-se afirmar, o que hoje constitui num truismo, que o Brasil é o produto da mestiçagem de três raças: a branca, a negra e a índia” (Ortiz, 2012: 38).

No livro *O Brasil na virada do século: o debate dos cientistas sociais*, José Reginaldo Santos Gonçalves (1995) explica que, embora as preocupações com a identidade nacional brasileira existissem desde o século XIX, é a partir dos anos 20 e 30 do século XX que essas preocupações assumem a forma de discursos oficiais sobre o chamado patrimônio histórico e artístico. É nesta época, por exemplo, que Gilberto Freyre escreve *Casa Grande e Senzala* e aponta para o mito das três raças; que Sérgio Buarque de Holanda analisa a identidade do Brasil e caracteriza o brasileiro como o homem cordial, aquele que age movido pelo coração; e que Paulo Prado levanta questões acerca da formação da nacionalidade brasileira com sua obra *Retrato do Brasil: Ensaio sobre a Tristeza Brasileira*.

É também neste período que acontece em São Paulo a Semana da Arte Moderna, em 1922, e que surgem importantes símbolos da representação brasileira, como a inauguração da estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro, em 1931; do primeiro romance de Jorge Amado, *O País do Carnaval*; o primeiro concurso de Escolas de Samba, em 1932, entre outros.

Se o modernismo é considerado por muitos como um ponto de referência, é porque este movimento cultural trouxe consigo uma consciência histórica que até então se encontrava de maneira esparsa na sociedade (Ortiz, 2012: 40).

Para Ortiz, a procura por identidade brasileira única e verdadeira é um falso problema, mas a questão a ser discutida é a que grupos sociais elas atendem, quem as constrói, como são construídas e o efeito que isso causa. Quem são os mediadores simbólicos? O pesquisador aponta os intelectuais como responsáveis por essa tarefa. Para ele, personagens como Silvio Romero, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros tantos que estudaram a identidade brasileira, são na verdade “agentes históricos que operam na transformação simbólica da realidade sintetizando-a como única e compreensível”. São eles que pegam as manifestações culturais, privilegiando alguns aspectos, e as lançam como discurso de identidade para que grupos sociais mais amplos se apropriem delas, reinterpretando-as. “Os intelectuais têm neste processo um papel relevante, pois são eles os artífices deste jogo de construção simbólica” (Ortiz, 2012: 142).

Essa construção da identidade é então influenciada pela memória coletiva. “A memória nacional é da ordem da ideologia, ela é o produto de uma história social, não da ritualização da tradição” (Ortiz, 2012: 135). Neste sentido, como coloca DaMatta (1986), para entendermos a sociedade brasileira é preciso uma chave dupla: de um lado ela é atual e do outro antiga. “É, no entanto, no saber ligar as duas faces que está concentrado o futuro da nossa identidade” (Damatta, 1986: 20).

### 3. Apresentação do objeto de estudo

O *El País* é um jornal espanhol de propriedade do Grupo *PRISA*, fundado em 1976, período que marcou a transição para a democracia. Antes, a Espanha vivia o franquismo, regime político em vigor entre 1939 e 1976, durante a ditadura do general Francisco Franco, que morreu em 1975. Caracteriza-se por ser um jornal de tendência europeísta e social democrata, além de oferecer grande destaque a informações de âmbito internacional, cultura, política e economia.

Com sede em Madri, em 26 de novembro de 2013 foi a vez do Brasil receber a versão em português do site, que tem publicação própria e traduções da versão original. Segundo Luis Prados, diretor

de redação do veículo no país, o crescimento excessivo de acesso ao site espanhol por parte do público brasileiro, especialmente durante os protestos de junho de 2013, motivou a criação de uma versão em português, denominada de *El País Brasil*.

É importante mostrar a forte ligação do *El País* com o Brasil para justificar a escolha do objeto de estudo. No entanto, vale destacar que usamos nesta pesquisa as versões publicadas na edição espanhola para garantir o objetivo deste estudo, que é analisar o Brasil visto pelo outro. As matérias escolhidas são as que proporcionam uma narrativa mais completa, com início, meio e retardamento do desfecho, além de oferecer um enredo coerente com a conectividade e elementos que ajudam a construir uma identidade nacional, com mitos, personagens, representações, recursos de linguagens, entre outros.

Neste contexto, para este trabalho foram selecionadas oito matérias publicadas no EIPaís, com sobre o Brasil:

1. *Brasil, ese adolescente rebelde*, publicada em 1º de julho de 2013;
2. *¿La corrupción en Brasil está relacionada con el carácter de los brasileños?*, publicada em 3 de agosto de 2013;
3. *El polémico ‘jeitinho’ brasileiro*, publicada em 31 de dezembro de 2013;
4. *¿Por qué Brasil está contra la Copa?*, publicada em 28 de janeiro de 2014;
5. *La Copa quebrada*, publicada em 21 de abril de 2014;
6. *¿Se ha cansado Brasil de ser “el país del futuro”?*, publicada em 13 de maio de 2014;
7. *Brasil es también así*, publicada em 05 de julho de 2014;
8. *¿Qué Brasil resurgirá de los escombros de la Copa?*, publicada em 14 de julho de 2014.

Todos os textos selecionados foram escritos por Juan Arias, correspondente do *El País*, que reside no Brasil desde 1999. São narrativas que dialogam com o gênero jornalístico opinativo, onde o autor lança seu olhar sobre o Brasil e relaciona os acontecimentos com sua própria experiência de vida.

Sendo ele um estrangeiro, estudamos os textos como narrativas transculturais, aquelas



construídas a partir de uma posição de alteridade que não pertence integralmente a uma única cultura, mas sim entre mundos distintos. Essas narrativas vão além de uma comunicação entre culturas e se desdobram em um novo produto, ou seja, elas se deslocam da superfície do intercultural passando a ser incorporadas ou apropriadas pelo grupo. Nessas narrativas, o autor busca interpretar o outro, por meio de exemplificação ou por experimentação. No primeiro, ele integra discursivamente a alteridade, observada por comparação com o sistema cultural predominante em sua civilização, no segundo caso, o narrador cede ao impulso de se entregar e experimentar o outro, explorando seus limites subjetivos (Schollhammer, 2000).

## 4. Metodologia e análise da pesquisa

A metodologia empregada nesta pesquisa é a análise crítica da narrativa conforme proposta pelo professor Luiz Gonzaga Motta, um dos estudiosos da narratologia na Universidade de Brasília (UnB). Neste caminho, consideramos o texto jornalístico como um gênero narrativo que constrói significados sobre a realidade do Brasil atual, examinando sua etapa de crescimento econômico e seus referenciais culturais a partir do olhar do outro, o estrangeiro.

A análise dos textos segue a proposta dos três planos destacados por Motta (2013): plano de expressão, onde examinamos os personagens e certos recursos de linguagem, como ocorrência de metáforas, hipérboles, comparações, ironia e dêiticos; plano da história ou conteúdo, onde destacamos o enredo e o sentido da narrativa; e o plano da metanarrativa, tema de fundo da narrativa, quando a análise sai do texto e entra no estudo cultural em que ele está inserido.

### 4.1. Brasil, ese adolescente rebelde

Logo no primeiro texto da pesquisa, Juan Arias caracteriza o Brasil como um adolescente rebelde. Entretanto, quando mergulhamos na narrativa, percebe-se que o adolescente que ele representa é um jovem livre, no sentido de querer se expressar, perguntar e opinar. No texto, este adolescente é tão real que tem pai e mãe, representados por

Lula e Dilma Rousseff, respectivamente, segundo o jornalista espanhol.

Luiz Inácio Lula da Silva, mais conhecido como Lula, foi o trigésimo quinto presidente do Brasil, cargo que exerceu de 1º de janeiro de 2003 a 1º de janeiro de 2011, sendo sucedido na presidência por Dilma Rousseff. Fundador do Partido dos Trabalhadores (PT), Lula foi muitas vezes considerado como o político mais popular da história do Brasil. Tal fama lhe rendeu na revista *Time* o título de uma das 100 pessoas mais influentes do mundo em 2010, sendo chamado de o político mais bem-sucedido de seu tempo. Entre os programas de seu governo, estão Bolsa Família e Fome Zero, com o objetivo de melhorar as condições sociais do Brasil. São essas características positivas de Lula que percebemos na narrativa do *El País*.

O objetivo principal do narrador neste primeiro texto é compreender os motivos das manifestações de junho de 2013. A intriga é saber por que esses mesmos brasileiros que ficaram mudos e anestesiados durante oito anos do governo Lula, agora se revoltam na vez de Dilma Rousseff, sendo que os problemas como transportes, saúde e educação continuam os mesmos quando Lula era presidente.

É, portanto, por meio dos recursos de linguagem, como metáforas e hipérboles, que o autor dá pistas sobre como compreender os conflitos no país em plena Copa das Confederações. Ao descrever a fúria de milhares de brasileiros que foram às ruas, o narrador sugere que a resposta seja por que, na época de Lula, o Brasil era uma criança, mas que hoje ele é um adolescente tecnológico, pragmático e que não se contenta com pouco. Perdeu o medo e quer ter o direito de voz e de participação.

Com Lula, o Brasil viveu um momento de vacas gordas, saiu da miséria e perdeu o complexo de inferioridade ante o mundo. Mas naquele momento o país era uma criança. E a criança não questiona o pai, ela o admira, principalmente quando ele a enche de brinquedos, a convence de que o pai cuida dela e lhe dá o que sabe que ela precisa, embora às vezes não seja o que gostaria. Aquela criança cresceu e ficou adolescente. A barba ou os peitos

cresceram. E, de repente, percebeu que quer mais que brinquedos. Quer liberdade. Quer opinar. Quer poder se rebelar contra o pai ou a mãe. Freud é sempre atual (Arias, 2013a).

No texto, o complexo de inferioridade está relacionado com a expressão “complexo de viralata”, criada pelo brasileiro Nelson Rodrigues após a derrota do Brasil pelo Uruguai na Copa do Mundo de 1950, no Brasil. Na partida, em um Maracanã lotado, o Brasil precisava apenas de um empate para se sagrar campeão, mas a seleção marcou o primeiro gol, sofreu o empate e, por fim, o gol que deu o título aos uruguaios. “Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar” (Rodrigues, 2012: 25).

#### 4.2. ¿La corrupción en Brasil está relacionada con el carácter de los brasileños?

O problema da corrupção, presente em todos os textos selecionados, ganha destaque na segunda narrativa analisada. No texto publicado no dia 03 de agosto de 2013 com o título *¿La corrupción en Brasil está relacionada con el carácter de los brasileños?*, Arias lança uma pergunta que instiga o leitor a pensar sobre o passado histórico e a identidade brasileira.

Para discutir a intriga principal da narrativa, Juan Arias utilizou como fonte Fernando Filgueira, professor de Ciências Políticas da Universidade Federal de Minas Gerais. Filgueira afirmou que “a corrupção no Brasil não está relacionada com aspectos do caráter brasileiro, mas com a formação de normas informais que institucionalizam certas práticas consideradas moralmente degradantes, mas rotineiramente toleradas” (Arias, 2013b).

O jornalista do *El País* também destaca outras explicações para a tolerância à corrupção, que até junho de 2013 parecia crônica no Brasil. Para o narrador, “a tradição política não respeita a separação entre o público e o privado, sendo o patrimonialismo um legado do mundo ibérico, o resultado de uma relação entre o Estado e a sociedade, em que o primeiro oprime o segundo por meio de um sistema de “privilégios e regalias” (Arias, 2013b). É o que Bauman (2005) destaca ao estudar os efeitos da globalização. Segundo o autor, estamos vivendo uma época em que o Estado-nação não é mais o depositário natural da confiança pública. “O Estado não tem mais o

poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação” (Bauman, 2005: 34).

Nessa concepção, a narrativa de Arias destaca o brasileiro como um personagem capaz de uma ação inédita, que saiu do seu conforto e foi às ruas protestar contra as mazelas da política. No entanto, o jornalista questiona se os políticos estarão dispostos a construir uma sociedade com bases mais modernas e ainda se essa reação do povo brasileiro é apenas um fogo que se apagará logo ou continuará forçando os governantes a realizarem uma verdadeira metamorfose. São esses os pontos principais levantados no segundo texto de análise deste estudo, mas que também percorre outras narrativas de Juan Arias.

#### 4.3. El polémico ‘jeitinho’ brasileño

No texto do *El País*, o “jeitinho” aparece como uma fórmula mágica e criativa para resolver os problemas cotidianos daqueles que não têm acesso ao poder. No entanto, o jornalista deixa claro que, para ele, é uma questão de identidade e que “sempre pareceu mais próximo a uma criatividade ancestral do que a uma incapacidade de querer encarar as coisas legalmente” (Arias, 2013c).

Muito se denegriu esse jeitinho, que na verdade não é nada mais do que, como escreveu alguém, a “saída para uma situação sem saída” e, portanto, com grandes doses de engenho que, segundo Sérgio Buarque de Holanda, é o que cunhou o brasileiro como “o homem cordial”, que procura sempre agradar e que não aceita o impossível (Arias, 2013c).

Em sua narrativa, nota-se que Arias busca elementos dessa identidade brasileira para dramatizar o tema. Destacamos a citação do brasileiro como o “homem cordial”, já definido por Sérgio Buarque de Holanda, na qual Arias se apoia para discutir os estereótipos da alegria, cordialidade, pacificidade e hospitalidade brasileira. O texto do *El País* termina dizendo que esse jeitinho se refere mais à sabedoria brasileira de não exigir uma mudança radical.

sabedoria, entretanto, que os responsáveis políticos, os que hoje usam e abusam tantas vezes da paciência dos cidadãos, devem tratar com respeito, já que, do contrário,

essa sabedoria poderia se revelar um vulcão que eles acreditavam definitivamente extinto (Arias, 2013c).

#### 4.4. ¿Por qué Brasil está contra la Copa?

Na quarta narrativa analisada, o *El País* quer saber

por que o Brasil, a meca do futebol, um país cujos cidadãos levam no DNA a paixão pela bola que contagiou o planeta, mostra-se contra a celebração da Copa” (Arias, 2014a).

Apesar do texto no início destacar novamente a questão da democracia e criticar a ação violenta dos policiais nas manifestações contra o Mundial, a intriga da narrativa se concentra na crítica contra o futebol, representado como um esporte que hoje foi arrancado das mãos dos torcedores, tornando-se um grande mercado financeiro. “Uma verdadeira feira de astros cujo valor humano, artístico e até cultural foi trocado por frias cifras de milhões de dólares” (Arias, 2014a).

Para o narrador, ao contrário de uma festa saudável e alegre, o esporte hoje substituiu a guerra, onde países se enfrentam violentamente, tanto no campo, quanto nas arquibancadas. Essa relação do futebol com a guerra, uma metáfora, é também destacada na nossa literatura por muitos brasileiros. Darcy Ribeiro, por exemplo, já havia afirmado que “os brasileiros todos torcem nas Copas do Mundo com um sentimento tão profundo como se tratasse de guerra de nosso povo contra todos os povos do mundo. As vitórias são festejadas em cada família e as derrotas sofridas como vergonhas pessoais” (Ribeiro, 1995: 243).

Entretanto, para responder a pergunta do título, *por que o Brasil está contra a Copa?* Juan Arias percorre três caminhos. Primeiro, representa a FIFA como uma organização desprestigiada, envolta em suspeitas de escândalos de corrupção e “movida pelo pior dos capitalismo”. Segundo, de acordo com o autor, nada mais justo que o país do futebol, como ele mesmo representa o Brasil, ter a coragem de enviar ao mundo uma mensagem para se precaver contra a degeneração desse evento mundial, que, como ele mesmo afirma, “se tornou objeto de suspeitas e ameaça ao verdadeiro futebol”. Terceiro, Arias destaca que o

Brasil está convencido de que o futebol, paixão coletiva, deve voltar às origens, aquelas em que os jogadores davam a alma e o coração em campo, não tanto pelo dinheiro, mas pelo prazer de vencer e de fazer a torcida vibrar.

É como se o Brasil estivesse dizendo que, tal qual andam as coisas nesse campo, não lhe interessa a Copa, nem jogá-la nem ganhá-la. Que a paixão pelo esporte está sendo trocada por uma operação capitalista cuja máxima expressão são as tramoias da Fifa, as quais estão matando o verdadeiro futebol (Arias, 2014a).

O eixo temático da narrativa é completado em outro texto publicado no dia 19/06/14, quando Arias afirma ainda que o futebol brasileiro de hoje se globalizou, ficou uniforme e a Seleção não entusiasma mais o mundo como antes, nem sequer os de casa. Para o autor,

apenas os que ainda resistem em aceitar que o Brasil está se transformando graças a uma complexa obrigação de sentar à mesa da modernidade, parecem incrédulos e deprimidos com o Brasil, que já não é somente futebol ou que o futebol já não é o melhor dele (Arias, 2014d).

#### 4.5. La Copa quebrada

Em *La Copa Quebrada*, Arias tem uma visão positiva e negativa do Brasil como sede da Copa do Mundo. Para o autor, o país perdeu e ganhou com o Mundial. Ganhou fora dos estádios, porque amadureceu e deseja algo além do futebol, mas perdeu com os atrasos nas obras e estádios milionários, remendados de última hora e com alto gasto de dinheiro público. Os trechos “a população, além disso, não obteve vantagens das prometidas novas infraestruturas, sobretudo as de transportes” e “nos aeroportos ainda há obras que deverão ser ocultadas dos turistas”, mostram a construção de uma imagem de país de terceiro mundo, atrasado e enganado pelos poderosos governantes.

Nas palavras de Arias, ao invés de festa, a Copa estava sendo tratada no Brasil como guerra e faltava pouco para que o evento acabasse como “um dos mais mal organizados e mais criticados até pelos anfitriões”:



Perdeu-se a Copa antes de disputá-la, algo que, conforme escutei em um ônibus onde viajava gente de classe média, envergonha os brasileiros. Senti no ar o eco da volta do complexo de vira-latas que durante tanto tempo assolou este país grande, rico e de gente invejável por sua capacidade de acolhimento e resistência à dor. A Copa, de certa forma, já foi perdida (Arias, 2014b).

Por outro lado, Arias também faz uma análise positiva do Brasil. Para ele, o país ganhou com o Mundial pelo único fato de os brasileiros, apesar de carregarem o futebol no seu DNA, como o jornalista mesmo descreve, também querer algo além da Copa. De acordo com o narrador, o país

tomou consciência de que não deve ser amado e admirado no mundo só porque sabe chutar uma bola como poucos, mas também porque é capaz de exigir o que lhe pertence e o que merece (Arias, 2014b).

#### 4.6. ¿Se ha cansado Brasil de ser “el país del futuro”?

Com jogo de palavras, o narrador relaciona a metáfora “país do futuro” com a figura da criança. Para compreender melhor a narrativa, é importante destacar que a visão do Brasil como país do futuro foi empregada primeiramente em 1941 por Stefan Zweig, outro europeu.

Fugindo da guerra que aterrorizava a Europa, Zweig passou seus últimos anos de vida no Rio de Janeiro, onde morreu em Petrópolis com sua mulher, logo depois da publicação de sua obra que rendeu ao Brasil esse codinome. O livro é, portanto, um retrato esperançoso e otimista de um país gigante que segundo Zweig, estava “indubitavelmente fadado a ser um dos fatores mais importantes do desenvolvimento futuro do nosso mundo” (Zweig, 2013: 14). Sabemos que muitas das previsões feitas pelo autor não se concretizaram, mas é interessante perceber como Zweig pensava no futuro do Brasil analisando a criatividade, a alegria e a pacificidade do povo brasileiro. Esse olhar de Zweig também é notado constantemente nos textos de Juan Arias, quando, por exemplo, ele fala que o brasileiro tem “aversão a guerra” ou que é impossível um estrangeiro entender como “um povo apaixonado por futebol e pacífico pode se manifestar na rua”.

Sempre destaquei que os brasileiros acabam conquistando os estrangeiros por sua capacidade de acolhimento, por sua paciência, sua elasticidade e por sua falta de agressividade, algo que, por exemplo, afeta mais a nós espanhóis, mais impacientes (Arias, 2014f).

No entanto, de acordo com o jornalista do *El País*, qualificar o Brasil como país do futuro acarretava implicitamente que ele ainda não era um país adulto, e sim uma criança.

Embalados por esse mantra, os brasileiros se sentiram esperançados, mesmo sofrendo as garras da realidade presente, cheia de injustiça social, desigualdades dramáticas e serviços públicos de Terceiro Mundo (Arias, 2014c).

Na concepção de Arias, agora, os brasileiros querem ser adultos e não querem esperar esse futuro incerto,

porque além do mais, o relógio da História se acelerou, e seus filhos e netos – que serão, esses sim, o futuro do Brasil – nascem já com o pé no acelerador e a mão no smartphone (Arias, 2014c).

#### 4.7. *Brasil es también así*

O Brasil acaba sempre surpreendendo, algo que muitas vezes os europeus, mais racionais, não entendem. No futebol e na vida de sua gente, aparece como um enigma. Quando pensamos que vai afundar, que está se afogando, sabe levantar a cabeça. Faz sofrer, às vezes desespera e desconcerta, mas ao final temos que admitir que acaba tendo sorte. É apenas sorte ou faz parte da idiossincrasia dos brasileiros? (Arias, 2014e).

O fragmento acima, retirado do texto *Brasil es también así*, resume a construção da representação do Brasil no *El País* durante o período de recorte da pesquisa. Nesta penúltima narrativa analisada, a nação é vista como um enigma, palavra chave na tentativa de explicar o Brasil. Essas inconstâncias nas formas de representar e analisar a identidade brasileira no *El País* ecoam as observações de Bauman (2005)

de que nós, habitantes do mundo globalizado, que ele chama de líquido moderno, somos fluídos. “Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento” (Bauman, 2005: 32).

Essas são também as considerações de Scheyerl e Siqueira (2008) ao estudar o Brasil pelo olhar do outro nos dias de hoje. Em suas pesquisas, os autores afirmam existir no século XXI diferentes modos e não mais uma única forma de ser brasileiro. De acordo Scheyerl e Siqueira (2008), se antes havia uma figura idealizada ou mesmo caricata do nosso povo, surge no mundo globalizado uma tendência que esboça interpretações mais realistas, enxergando para além da imagem estereotipada os muitos brasis.

São essas questões que aparecem no *El País*, especialmente em muitos textos de Juan Arias. A começar pelo título, suas narrativas sugerem essa identidade em movimento, como em *Brasil está con dolores de parto* (Arias, 2014f), onde o narrador afirma que nunca foi fácil entender o Brasil, um país-continente rico em complexidades, com uma sociedade que acumula diversidades e ao mesmo tempo com uma unidade que faz inveja, mas que “hoje então parece duplamente difícil analisar a crise real ou aparente que ele está atravessando” (Arias, 2014f).

Para Bauman, ajustar peças e pedaços para formar um todo consistente e coeso chamado identidade não parece ser a principal preocupação de nossos contemporâneos, já que estamos agora passando da fase sólida da modernidade para a fase líquida. “E os fluidos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo” (Bauman, 2005: 57). Por outro lado, o autor também aponta que estamos inseguros quanto à maneira de construir os relacionamentos que desejamos. Talvez seja por isso, que apesar de plurais e fluidas, as identidades estão sempre baseadas no conhecimento coletivo, especialmente sobre a narrativa da nação, tão contada e recontada na mídia e cultura popular.

Essas fornecem uma série de histórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os

desastres que dão sentido à nação (Hall, 2011: 52).

Trazendo a reflexão para o texto do *El País*, percebemos que a representação da identidade brasileira, apesar de buscar sugerir algo novo, está sempre ancorada no seu passado, ou seja, “as imagens, ideias e a linguagem compartilhadas por um determinado grupo sempre parece ditar a direção e o expediente iniciais, com os quais o grupo tenta se acertar com o não familiar” (Moscovici, 2011: 57).

É neste caminho tênue entre o familiar e o não familiar que percorre o principal eixo de análise da representação do Brasil no *El País*. Em seus textos, Juan Arias começa dando sinais de descrever um país diferente e novo, mas suas opiniões são carregadas de ideias pré-concebidas e estereótipos, com poucas mudanças de referências e estilo. A imagem de Brasil que Arias constrói tem a princípio uma aparência diferente, mas em suma é enquadrada no mesmo foco do olhar europeu ao longo dos séculos.

Além disso, percebe-se que os eixos temáticos são sempre os mesmos: corrupção, desigualdades sociais, fragilidade das instituições democráticas, lutas por melhores condições de vida, o brasileiro como um povo alegre, hospitalidade, e etc. Neste penúltimo texto, por exemplo, o autor destaca o gigantismo e a riqueza brasileira que se contrapõem com a questão da briga pela sobrevivência. Este paraíso-inferno, como o país sempre foi visto pelos outros, é representado no texto como um “difícil equilíbrio, entre sentir-se um império, que é, e suportar o peso de um atávico complexo de vira-lata” (Arias, 2014e). Para justificar sua posição, Arias compara ainda o país com a Torre de Pisa, na Itália, “que leva séculos inclinando-se, mas que nunca cai” e as águas de Veneza, que “há centenas de anos ameaçam afundar a mágica cidade que, no entanto, segue viva e em pé” (Arias, 2014e).

#### 4.8. *¿Qué Brasil resurgirá de los escombros de la Copa?*

Teve Copa, mas não teve time. Teve Copa, mas não obras que aliviaram a vida dos cidadãos. Teve alegria e paixão acompanhando os jogos porque o futebol corre nas veias dos brasileiros, mas ficaram com a boca amarga a dois passos de rolar

pela ladeira do complexo de vira-lata que parecia ter sido enterrado para sempre. Não teve hexa, mas a partir das cinzas da derrota agora poderá surgir um país mais maduro, talvez mais crítico, mais resistente no futuro contra os que pretenderem enganá-lo novamente. As derrotas podem afundar-nos ou nos fazer ressurgir mais fortes. O Brasil tem hoje um grande trunfo a seu favor: perdeu o medo de mudar e aprendeu a dizer não (Arias, 2014g).

Na narrativa que analisa o Brasil logo depois da Copa do Mundo, Juan Arias diz que a imagem do país após o Mundial “foi reduzida a escombros” por ter perdido de 7 a 1 para a Alemanha durante o torneio. Logo, o “escombros” faz referência ao mito do Brasil ser o país do futebol. De acordo com o narrador, “foram os brasileiros comuns que realmente ganharam o hexa por seu comportamento exemplar de país civilizado e acolhedor” (Arias, 2014g).

A construção da imagem do Brasil feita nesta análise pós-Copa está relacionada diretamente com questões da realidade versus imaginário brasileiro, já que a Copa no Brasil tem um significado muito maior que um simples acontecimento de um evento esportivo. Ela engloba questões políticas, sociais, culturais e se funde com a identidade do país. No entanto, ao contrário da derrota brasileira na Copa do Mundo de 1950, quando Nelson Rodrigues criou a expressão “complexo de vira-lata” para traduzir um sentimento crônico de inferioridade nacional, a derrota atual encontrou o brasileiro diferente, sem complexo, mas que luta para ser reconhecido além do futebol.

Portanto, se estruturalmente o Brasil pós-Copa do *El País* continua o mesmo antes do Mundial, como no trecho “todos sabem que hoje, depois da Copa, os brasileiros não vão se deslocar para o trabalho com maior comodidade. Tudo continuará igual porque seu único legado foram os estádios e não os novos metrô ou trens” (Arias, 2014g), o que muda depois do Mundial é o resgate da simpatia do povo brasileiro e a visão de que, se eles quiserem, é possível construir algo diferente da realidade em que vive, já que o principal já foi superado: “perdeu o medo de dizer não” (Arias, 2014g).

## 5. Considerações finais

Neste trabalho, confirmamos a afirmação de Moscovici (2011) ao mostrar “que o caráter das representações sociais é revelado especialmente em tempos de crise e insurreição, quando um grupo, ou suas imagens está passando por mudanças” (Moscovici, 2011: 91). Para o autor, é neste período de transformações que as pessoas estão mais dispostas a falar, as imagens e expressões são mais vivas, as memórias coletivas são excitadas e o comportamento se torna mais espontâneo.

A principal inquietação dos jornais de todo mundo era entender os motivos que levaram o “país do futebol” a manifestar contra os gastos públicos do governo, a corrupção e sediar a Copa do Mundo de 2014, um evento que ele aguardava desde 1950 quando perdeu para o Uruguai no Rio de Janeiro. Era não só a chance de se redimir pela derrota de 50, mas também de mostrar ao mundo que ele se consolidava como o gigante, uma ideia tão defendida, principalmente nos últimos anos. No entanto, vimos na pesquisa que essas tensões foram resultados de novas descobertas e novas concepções, especialmente na consciência coletiva.

Para quem esperava o pior, a Copa do Mundo no Brasil foi cenário de 32 dias intensos. Não houve caos nos aeroportos e o índice de atrasos nos voos foi inferior até mesmo ao de terminais europeus. Os protestos contra os gastos excessivos do Mundial diminuíram e o clima de “não vai ter Copa” durou apenas até o apito inicial do torneio. No setor econômico também foi um sucesso. Só para ter uma ideia, a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (Fipe) calculou que R\$ 30 bilhões seriam somados à economia brasileira na Copa do Mundo de 2014, mas o movimento superou as expectativas.

Vieram mais estrangeiros que o esperado e o gasto com cartões de créditos explodiu. Só a rede Visa recebeu 188 milhões de dólares em pagamento nas 12 cidades sedes, logo na primeira fase da competição (Silva, 2014).

Vimos que muitas obras não foram concluídas e algumas entregues de última hora. No entanto, outras também foram finalizadas e até elogiadas por muitos turistas que passaram pelo país durante o evento.

Na concepção do *El País*, o Brasil amadureceu desde o período pré-Copa até o final do torneio. Se antes era representado como uma criança que sonhava em ser o país do futuro, mas mergulhado em extrema corrupção e uma democracia fora de moda, o Brasil que sai da Copa não é o mesmo de um passado ainda recente porque, de acordo com jornal espanhol, ele agora perdeu o medo de lutar para um futuro melhor. É uma nação que foi resgatada pelos próprios brasileiros.

Neste plano cultural, temos a reafirmação de uma terra povoada por uma gente alegre, simpática, hospitaleira, capaz de render-se aos encantos dos estrangeiros e recebê-los de braços abertos. Segundo o jornal espanhol, são os brasileiros os maiores vencedores da Copa do Mundo. São eles ainda que vão exercer uma consciência coletiva e lutar por um país melhor e mais moderno. Uma nação que amadureceu, globalizou-se e quer ser reconhecida além do futebol. Um país que não quer mais ser apenas o mito do “gigante americano”, mas sim uma imagem real dessa metáfora.

No *El País*, embora o narrador ainda se mostre preso a clichês, como desigualdades sociais, desordem, corrupção política, violência e futebol, as análises de Juan Arias são opinativas e nos orienta a imaginar um Brasil próximo do real, mesmo com alguns exageros e sob uma visão interpretada por alguém de fora. O uso constante de figuras de linguagens, como hipérboles e metáforas, reforçam nossa observação. Porém, a maneira como o narrador expõe as mazelas brasileiras e discute alguns elementos próprios da cultura do país como o “complexo de viralatas”, “o jeitinho brasileiro” e a expressão “país do futuro”, nos leva a pensar sobre nossa própria imagem a partir da visão do “outro”.

Entretanto, a imagem de Brasil projetada no *El País*, desde a expectativa para o Mundial até no final com a vitória da Alemanha, nos permite ver um país em transformação, que saiu da inércia e perdeu o medo de lutar contra seus ideais. Se no início da preparação para a Copa o jornal representava o Brasil como um “adolescente rebelde”, ao longo do tempo, o que vimos foi a construção de um país mais sólido, que saiu do Mundial carregado pelo seu próprio povo, representado como o grande vencedor da Copa

do Mundo. Para o *El País*, o torneio serviu para o Brasil crescer. Não ganhou em campo, também não ganhou ao aproveitar os investimentos em infraestruturas como deveria, mas venceu ao mostrar ao mundo que não está conformado com a realidade em que vive e não se contenta com pouco. Quer ser visto além do futebol e estereótipos.

De acordo com as representações de Brasil projetadas no jornal espanhol, a imagem da nação que sediou a Copa do Mundo de 2014 é uma incógnita, mas que será lembrada como um país que perdeu o medo de dizer não e de lutar por um futuro melhor em busca de mais cidadania.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, B. (2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ARIAS, J. (2013a). *Brasil, ese adolescente rebelde*. El País. Recuperado de [http://internacional.elpais.com/internacional/2013/07/01/actualidad/1372685928\_585892.html]. Consultado [28-08-2014].
- ARIAS, J. (2013b). *¿La corrupción en Brasil está relacionada con el carácter de los brasileños?*. El País. Caderno internacional. Recuperado de [http://internacional.elpais.com/internacional/2013/08/03/actualidad/1375564219\_020706.html]. Consultado [08-09-2014].
- ARIAS, J. (2013c). *El polémico 'jeitinho' brasileiro*. El País. Caderno internacional. Recuperado de [http://internacional.elpais.com/internacional/2013/12/31/actualidad/1388459018\_030121.html]. Consultado [05-09-2014].
- ARIAS, J. (2014a). *¿Por qué Brasil está contra la Copa?*. El País. Caderno internacional, Recuperado de [http://internacional.elpais.com/internacional/2014/01/28/actualidad/1390865170\_116679.html]. Consultado [30-08-2014].
- ARIAS, J. (2014b). *La Copa quebrada*. El País. Caderno internacional. Recuperado de [http://internacional.elpais.com/internacional/2014/04/21/actualidad/1398104300\_727095.html]. Consultado [15-09-2014].
- ARIAS, J. (2014c). *¿Se ha cansado Brasil de ser "el país del futuro"?*. El País. Caderno internacional, 13 maio 2014. 2014c. Recuperado de [http://internacional.elpais.com/internacional/2014/05/13/actualidad/1400006669\_073402.html]. Consultado [14-09-2014].
- ARIAS, J. (2014d). *La Copa metáfora del nuevo Brasil*. El País. Caderno deportes. Recuperado de [http://deportes.elpais.com/deportes/2014/06/19/actualidad/1403133941\_059326.html]. Consultado [17-09-2014].
- ARIAS, J. (2014e). *Brasil es tambien así*. El país. Caderno internacional. Recuperado de [http://internacional.elpais.com/internacional/2014/07/05/actualidad/1404569780\_522750.html]. Consultado [12-09-2014].
- ARIAS, J. (2014f). *Brasil está con dolores de parto*. El País. Caderno internacional. Recuperado de [http://internacional.elpais.com/internacional/2014/02/17/actualidad/1392658494\_429515.html]. Consultado [12-09-2014].
- ARIAS, J. (2014g). *Como será o Brasil que renascera das ruínas?*. El País. Opinião. Recuperado de [http://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/14/opinion/1405339624\_866621.html]. Consultado [15-09-2014].
- BAUMAN, Z. (2005). *Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOLAÑO, C. R. S.; ADILSON, V. C. F. (2014). O Brasil e o movimento social global: uma análise dos eventos de junho de 2013 em perspectiva histórica. Recuperado de [http://liinc.revista.ibict.br/index.php/liinc/article/view/667/459].
- DAMATTA, R. (1986). *O que faz o brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco.
- FIORIN, J. L. (2009). A construção da identidade nacional brasileira. *Bakhtiniana*, São Paulo, vol. 1, nº 1, 1º sem.
- GONÇALVES, J. (1995). Em busca da autenticidade: ideologias culturais e concepções de nação no Brasil. Em: VILLAS BÔAS, G.; GONÇALVES, M. (eds.). *O Brasil na virada do século: o debate dos cientistas sociais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- HALL, S. (2011). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- MARTINO, L. M. S. (2010). *Comunicação e identidade: quem você pensa que é?* São Paulo: Paulus.
- MOSCOVICI, S. (2011). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- MOTTA, L. G. (2013). *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Universidade de Brasília.
- ORTIZ, R. (2012). *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense.
- RIBEIRO, D. (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RODRIGUES, N. (2012). *Brasil em Campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, S. (2014). *O Brasil pelo olhar do outro: representações de estrangeiros sobre os brasileiros de hoje*. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132008000200007&script=sci\_arttext].
- SCHOLLHAMMER, K. E. (2000). Representações do exótico nos relatos de viagem. Em: STEVENS, C. (org.). *Quando o Tio Sam Pegar no Tamborim: uma perspectiva transcultural do Brasil*. Brasília: Editora Plano: Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB.
- SILVA, M. S. (2014). *Teve muita copa*. Placar, nº 1392, jul.
- WILLIAMS, R. (2011). *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- WOODWARD, K. (2012). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Em: SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- ZWEIG, S. (2013). *Brasil, o país do futuro*. Porto Alegre: L&PM.